

**PROCESSO “CAETANA”: EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS ATRAVÉS DA
ARTE, MODA E MESSIANISMO NO NORDESTE BRASILEIRO.**José Anderson Oliveira de Santana¹ - UNIVASF**S6. AV. Reversabilidades Estéticas – Meandros entre educação e poéticas
Artísticas nas Artes Visuais****RESUMO**

O presente trabalho consiste no recorte de um processo artístico a partir pesquisas bibliográficas acerca dos movimentos messiânicos no nordeste brasileiro e as possibilidades de diálogo com a moda e a arte. Nesse primeiro momento propomos uma reflexão acerca do movimento messiânico sebastianista ocorrido em São José do Belmonte (PE), entre os anos de 1836 e 1838, OLIVEIRA (2005) e breves reflexões sobre a relação entre moda e arte contemporânea, TOLSTOI (2002) e OSTROWER (1959). Como leitura complementar utilizamos a obra de SUASSUNA (2006) *O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*. Nesse primeiro momento propomos uma breve reflexão acerca dos temas citados e apresentamos as experimentações iniciais desenvolvidas a partir dessas relações.

PALAVRAS-CHAVE

Arte Contemporânea; Moda; Processo; Messianismo.

Entre o sangrado e o sangrento: o sebastianismo no sertão.

Durante o Século XVI, especialmente a segunda metade, Portugal enfrentava uma grave crise econômica e social. Dentro desse contexto havia uma forte ameaça da dominação espanhola. O povo ansiava por um milagre. No dia 20 de janeiro de 1554 nasce, em Lisboa, Dom Sebastião - único descendente Dom João III: *O Desejado*. Quando Dom João III faleceu, em 1557, Dom Sebastião era o seu único herdeiro vivo. Ao completar 14 anos, em 1568, assume o império português.

Em 1578, aos 24 anos, organizou uma expedição ao Marrocos. Comandando um exército de 17 mil homens, Dom Sebastião adentra no território marroquino no qual, ao encontrar uma tropa mulçumana, trava a Batalha de Alcácer Quibir, na qual perde a vida. Os portugueses que conseguiram regressar a Portugal informaram que o rei havia morrido, contudo não viram o seu corpo. Dois anos após à sua morte Portugal perde sua independência política e o rei da Espanha, Felipe II, assume o poder.

É nesse contexto de fragilidade social que o messianismo encontra seu terreno fértil. As forças sociais e religiosas se confundem em uma trama de relações de poder. Os portugueses, principalmente os mais pobres, acreditavam que Dom Sebastião regressaria, numa noite de nevoeiro, para reclamar seu trono e libertar seu povo.

¹Licenciado em História pela UEPB/PB e Graduando em Artes Visuais pela UNIVASF. E-mail: adcgpb@gmail.com

Os mitos messiânicos são capazes de romper as barreiras de tempo e espaço e também são plásticos, ou seja, capazes de se moldar para se adequarem ao contexto social, moral, político e religioso no qual encontrou terreno fértil. Sobre a reconfiguração do sebastianismo no Brasil Márcio Honório de GODOY (2005) comenta que

Dom Sebastião, o Desejado e Encoberto, ganha o estatuto de fenômeno cultural, religioso e social, e começa a viajar pelo tempo/espaço. Num primeiro momento em Portugal e nas primeiras “aparições” do Encoberto no Brasil, leva consigo traços de um messianismo patriótico e nacionalista, português. Em outra ocasião, liberta-se desse significado e, em velocidade estonteante, ganha atualizações que o diferenciam bastante do seu sentido “original”, embora não perca as fortes marcas que permitem sua larga permanência, tanto espacial como temporalmente. (GODOY, 2005, p. 94)

A cidade de São José do Belmonte, localizada à 473Km de Recife, foi cenário de uma das expressões mais fortes do movimento sebastianista fora das terras portuguesas. Deturpado e violento, o movimento ressurgiu três séculos depois entre os anos de 1836 e 1838.

Em 14 de maio de 1838, após embriagar muitos fiéis, João Ferreira afirma que o rei Dom Sebastião estava descontente com a incredulidade do povo e que não tinham coragem de regar o campo nem as duas torres – formações rochosas de 30m e 33m de altura – para desencantar o rei e libertar o povo. Entre os dias 14 e 17 cerca de 87 pessoas foram sacrificadas, grande parte decapitadas, incluindo crianças e idosos. Há também relatos de sacrifícios voluntários motivados pelo fanatismo religioso. Duas esposas de João Ferreira foram sacrificadas. O irmão de uma delas, Pedro Antônio, ao saber do ocorrido, informou aos discípulos do movimento que o rei Dom Sebastião também necessitava do sangue de João Ferreira para desencantar: os fiéis mataram João Ferreira com requintes de crueldade. No dia 18 de maio o arraial da Pedra Bonita foi destruído pelas forças comandadas pelo major Manoel Pereira da Silva.

Breves considerações sobre arte e moda

Segundo TOLSTOI (2002) arte é “[...] a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar.” Já para teórica de arte Fayga Ostrower,

Nunca é demais insistir: a arte trata de valores e não de informações. Assim se explica porque a arte deve ser criada pela totalidade do homem, dirigindo-se por sua vez à totalidade do homem, composta simultaneamente pelo seu intelecto e sua emoção. Nenhum julgamento poderá existir no vácuo. Sempre se relacionará e dependerá de situações definidas, limitadas, únicas que jamais comportam uma repetição mecânica. (OSTROWER, 1959)

A moda enquanto expressão relacionada a arte é algo recorrente na contemporaneidade. HOLLANDER (1996) *apud*. SHULTE (2002) classifica que:

[...] a moda é uma arte moderna, pois suas mudanças formais ilustram a ideia de um processo em movimento, como outras formas de arte moderna têm feito; ela sempre é uma representação. A moda faz a sua própria sequência de imagens criativas em seu meio formal particular, o qual tem a sua história específica, ela não cria simplesmente um espelho visual direto dos fatos culturais. [...]Elas formam uma arte sequencial, uma projeção emblemática da vida, um análogo visual do tipo experiência comum que se baseia nos fatos sociais [...] sempre fluindo através dos tempos. (SHULTE, 2002)

Percebemos que Hollander evidencia, em sua visão sobre a relação entre moda e arte, o movimento dinâmico conceitual que ambas as expressões adquirem dentro de um determinado contexto social e temporal. Contudo, outros autores evidenciam a moda e arte como formas de expressão, bem como a compreensão da moda como instrumento artístico. Em seu livro *O Espírito das Roupas: A Moda do Século XIX*, a autora Gilda de Mello Sousa, ao discorrer sobre a questão do movimento da vestimenta, defende que

[...] enquanto o quadro só pode ser visto de frente e a estátua nos oferece sempre a sua face parada, a vestimenta vive na plenitude não só do colorido, mas do movimento [...], recompondo-se a cada momento, jogando com o imprevisto, dependendo do gesto, é a moda a mais viva, a mais humana das artes. (SOUSA,1996, p.40-41)

Sob essa perspectiva a moda também pode ser associada a performance e recebe o valor de dar vida à arte, bem como interage com o sujeito que a utiliza.

Caetana

“Esse povo é engraçado, estuda, se forma, lê tudo quanto é livro, e não sabe que o nome da morte é Caetana!”
(Ariano Suassuna)

Os movimentos messiânicos encontraram na aridez do sertão do nordeste brasileiro um terreno fértil para se desenvolver. Com base nesse evento propomos uma relação com a divindade híbrida do Cariri “Moça Caetana”, representação da morte no sertão e explanado na cosmogonia proposta por Suassuna em seu livro *O Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, publicado em 1971.

Como primeira parte dessas experimentações, estou desenvolvendo o projeto “Caetana” que consiste na produção de figurinos (vestuário e adereços), através de um diálogo entre cultura popular, moda, e arte conceitual, tendo como poética o movimento messiânico sebastianista.

A primeira peça intitulada “Martírio” foi desenvolvida a partir de algumas especificidades que o sebastianismo em São José do Belmonte apresentava como a proibição da higiene pessoal, lavagem de roupas e atividades laborais. Outra característica peculiar ao movimento era a prática da poligamia pelos homens. Contudo o defloramento das mulheres recém-casadas deveria ser feito pelo rei. Além dessas questões os seguidores do movimento consumiam altas doses de substâncias alucinógenas como ópio e a jurema.

A segunda peça intitulada “Sacrifício” foi desenvolvida tendo como principal referência à chacina ocorrida no dia 14 de maio de 1838 no qual as principais formas



Peça 2 – Martírio.jpeg

Peça 1 – Sacrifício.jpeg

de execução foram o degolamento e a decapitação.

.Para execução das peças utilizei materiais de baixo custo, bem como com o reaproveitamento de materiais tendo como referência o movimento artístico italiano surgido na década de 1960 chamado “arte *povera*”² em diálogo com o Movimento Armorial³ proposto por Ariano Suassuna e outros intelectuais pernambucanos durante a década de 1970.

Por fim expressei meu desejo em dar continuidade a esse processo de pesquisa e produção tendo os movimentos messiânicos como mote e seus desdobramentos, contudo sempre relacionando a memória, ao popular, ao sensível e ao sagrado no nordeste.

Referências

ARANTES, A. A. **O Que É Cultura Popular**. ed. São Paulo, brasiliense S.A, 1990.

²Arte povera (pronuncia-se arte póvera; em português "arte pobre") foi uma expressão criada pelo crítico e curador italiano Germano Celant, para referir-se ao movimento artístico que se desenvolveu originalmente na segunda metade da década de 1960 na Itália. Os seus adeptos utilizavam materiais de pintura (ou outras expressões plásticas não convencionais, como por exemplo areia, madeira, sacos, jornais, cordas, feltro, terra e trapos) com o intuito de "empobrecer" a obra de arte, reduzindo os seus artificios e eliminando barreiras entre a Arte e o cotidiano das sociedades. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/artists-by-art-movement/arte-povera#!#resultType:masonry> acesso em 08/06/2018.

³ Para saber mais consulte: SUASSUNA, Ariano. *O Movimento Armorial*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1974.



I Congresso de Artes, Ensino e Pesquisa

Margens em Desvios: Sistemas Políticos e Poéticos da Arte no Semiárido Nordeste

A PEDRA DO REINO E O MASACRE SEBASTIANISTA disponível em:
<https://tokdehistoria.com.br/2016/05/15/a-pedra-do-reino-e-o-massacre-sebastianista/>. Acesso em 03/09/2016.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Trad. da introdução Gênese Andrade. 4.ed. 4.reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008.

CUCHE, Denys. *A Noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.

GODOY, Marcio Honório. *Dom Sebastião no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.,2006.

MIRANDA, Ana Paula de. *Consumo de moda: a relação pessoa-objeto*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

NAKAO, Jum. *A costura do Invisível*. São Paulo: SENAC, 2005.

KÖHLER, Carl. *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OSTROWER, Fayga. *Arte e Espectador*. Disponível em:

http://faygaostrower.org.br/images/downloads/1959_fayga_arte_e_espectador.pdf
Acesso em 03/09/2016.

POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus Editora, 1965. _____. *D. Sebastião no Brasil: o imaginário em movimentos messiânicos nacionais*. S.l. S.d.

SCHULTE, Neide Köhler. *Arte e moda: criatividade*. Modapalavra / Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.48-56, 2002. Anual.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SUASSUNA, Ariano. *Ferros do Cariri - Uma Heráldica Sertaneja*. 12pp. 36 x 30 cm. Portfolio. Guariba Editora de Arte - 1974

SUASSUNA, Ariano. *O romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 8.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

TOLSTOI, Leon. *O que é arte? A polêmica visão do autor de Guerra e Paz*. São Paulo: Ediouro, 2002.

TREPTOW, Doris. *Inventando moda: planejamento de coleção*. Brusque: D.Treptow, 1999.